

# É AMBÍGUO O CONCEITO DE “EXISTÊNCIA” EM *SER E TEMPO*?

IS AMBIGUOUS THE CONCEPT OF “EXISTENCE” IN  
HEIDEGGER’S *BEING AND TIME*?

Marcos Fanton\*

---

**RESUMO:** O presente trabalho tem por intuito demonstrar que há três diferentes conceitos de “existência” na obra *Ser e Tempo* de Martin Heidegger. Seriam eles: [1] existência como o todo do ser do *Dasein*; [2] existência como um dos momentos constitutivos do ser do *Dasein*, o cuidado; e [3] existência como *ex-sistência*, no qual o caráter transcendente do mundo é destacado. Tal alteração conceitual, a princípio, parece confirmar a objeção de certos filósofos sobre a vagueza e ambiguidade conceitual do método fenomenológico-hermenêutico. Porém, ao final, argumentar-se-á que tal objeção não leva em consideração as particularidades deste método e, ainda, que é possível encontrarmos parâmetros intersubjetivos para determinados conceitos heideggerianos, como o de “existência”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Martin Heidegger. Existência. Ambiguidade.

**ABSTRACT:** The current paper aims to demonstrate that there are three different concepts of “existence” in Martin Heidegger’s *Being and Time*. They are: [1] existence as the hole of *Dasein*’s being; [2] existence as one of the constitutive moments of *Dasein*’s being, care; [3] existence as *ex-sistence*, in which the transcendent character of the world is highlighted. This conceptual change, at first, seems to hold true the objection of some philosophers on the conceptual vagueness and ambiguity of the phenomenological-hermeneutical method. But, in the end, it will be argued that this objection does not take into account the features of this method and also that it is possible to find out criteria for certain heideggerian concepts, such as “existence”.

**KEY WORDS:** Martin Heidegger. Existence. Ambiguity.

---

A pressuposição fundamental do paradigma fenomenológico-hermenêutico de Heidegger é a compreensão do ser: nós só nos relacionamos com o ente que nós mesmos somos e com os demais entes ao compreendermos o nosso próprio ser e o ser dos entes que vão ao nosso encontro no mundo. Ao se questionar, então, sobre o sentido do ser em geral, que unificaria os diferentes modos de ser, a filosofia hermenêutica trata, em um primeiro momento, de entender como é possível esta compreensão do ser. Neste viés, o método

---

\* Mestrando em Filosofia-PUCRS/CNPq. Contato: fanton..marcos@gmail.com

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 61-67
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-----------

fenomenológico heideggeriano parte da necessidade de explicitar qual ente, pelo seu próprio modo de ser, compreende o ser dos entes e de que maneira ele realiza tal compreensão. Assim, o problema da existência vem à tona como um elemento de diferenciação ontológica. Apesar de todo ente ser, somente nós, seres humanos, *existimos*, isto é, somente somos enquanto compreendemos o nosso próprio ser e compreendemos o ser de outros entes. De uma caneta ou de uma zebra não se pode dizer que existem, devido ao seu modo de ser diferir do modo de ser do *Dasein* humano. Com isso, o conceito de existência (*Existenz*) designa a estrutura ontológica específica do ser humano.

No entanto, ao lermos *Ser e Tempo*, perceberemos algumas modificações realizadas neste conceito. Ora Heidegger apresenta-o como referimos acima, ora apresenta-o como um dos momentos constitutivos da estrutura do cuidado, o ser do *Dasein*.

A princípio, esta alteração conceitual pode provocar desconfiança em relação à confiabilidade do método fenomenológico-hermenêutico. Desde Ryle, o autor da primeira resenha de *Ser e Tempo*, feita em 1929, até os autores contemporâneos, encontramos reações tanto ao método de Heidegger quanto a sua terminologia filosófica, que, em alguns momentos, parece confusa. Em uma crítica recente, Tugendhat qualifica o modo de proceder heideggeriano como evocativo, ou seja, ao leitor é designada a tarefa de evocar, por meio de palavras, aquelas relações essenciais que o próprio autor tem em vista. Sendo isto insuficiente para entendermos o significado de conceitos filosóficos, Tugendhat afirma que será preciso perguntarmos “continuamente se o que Heidegger evoca pode ser traduzido a uma comunicação controlável”, isto é, em uma comunicação intersubjetivamente comprovável<sup>1</sup>.

Mesmo que não haja dúvidas da importância destas objeções, ainda assim, é preciso argumentarmos que as particularidades do método fenomenológico-hermenêutico não são devidamente observadas por tais autores. O modo de proceder fenomenológico não está condenado a trabalhar com conceitos vagos ou ambíguos, como veremos ao longo deste trabalho, através da exposição do tema da existência em *Ser e Tempo*, tema este favorável à comprovação de nossa tese.

A nossa hipótese de trabalho é a seguinte: dada as peculiaridades do método fenomenológico-hermenêutico, três são os conceitos de existência elaborados ao longo de *Ser e Tempo*: [1] existência como o todo do ser do *Dasein*; [2] existência como um dos momentos

<sup>1</sup> TUGENDHAT, E. *Autoconciencia y autodeterminación: una interpretación lingüístico-analítica*. Trad: Rosa Helena Santos-Ihlau. México: FCE, 1993. p. 130-2.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 61-67
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-----------

constitutivos do ser do *Dasein*, o cuidado, ao lado da facticidade e da decaída; e [3] existência como *ex-sistênci*a, no qual o caráter transcendente do mundo é destacado.

Vamos, então, ao primeiro conceito!

No §4 de *Ser e Tempo*, Heidegger define “existência” do seguinte modo: “o ser mesmo com relação ao qual o *Dasein* pode se relacionar desta ou daquela maneira e com relação ao qual sempre se relaciona de alguma determinada maneira, o chamamos *existência*”<sup>2</sup>.

A temática na qual é desenvolvido este primeiro conceito segue a inovação kierkegaardiana do relacionamento consigo mesmo: que o *Dasein* se relacione com sua própria existência significa que este ente relaciona-se consigo mesmo. Neste sentido, Heidegger dirá que cada *Dasein tem-que-ser* (*Zu-sein*), isto é, tem que decidir sua própria existência, uma vez que ela é cada-vez-minha (*Jemeinigkeit*). No entanto, como esta autocompreensão se dá já sempre em um modo prático de ser no mundo, na qual o *Dasein* absorve-se na ocupação com os entes no mundo, ela adquire, por isso, um caráter cotidiano, tornado sua existência própria indiferente para si mesmo (a famosa *decaída* [*Verfallen*]).

Sendo assim, Heidegger dirá: “O *Dasein* é, para si mesmo, onticamente “o mais próximo”, ontologicamente o mais distante e, no entanto, pré-ontologicamente não estranho”<sup>3</sup>. Esta distinção tríplice pode ser interpretada a partir dos modos de compreensão da existência introduzidos por Heidegger. Realizamos uma compreensão existencial (*existenziellen Verstehens*) de nós mesmos quando esta nos serve de guia para escolhermos nossas possibilidades, que, em cada caso, apresentam-se como próprias ou impróprias. Como diz Heidegger, tão-somente ao *Dasein* é determinado decidir sua existência, seja “tomando-a entre as mãos seja deixando-a perder-se”<sup>4</sup>. Esta é a compreensão ôntica do *Dasein* (“empírica” ou “concreta”, poderíamos dizer). Já a compreensão existencial (*existenzialen Verstehens*) é realizada com fins de um questionamento teórico acerca da estrutura ontológica da existência. Por isso, a investigação do ser do *Dasein* recebe a expressão “analítica existencial”, já que se trata de uma descrição ontológica das estruturas constitutivas deste ente (os *existenciais*)<sup>5</sup>. Ainda que Heidegger não diga explicitamente, poderíamos entender, ainda, para traçarmos um paralelo com a distinção do início do parágrafo, que há um modo de

<sup>2</sup> HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 35.

<sup>3</sup> HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 40.

<sup>4</sup> HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 35.

<sup>5</sup> HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 35-6.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 61-67
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-----------

compreensão “pré-existencial”, que significaria a compreensão pré-ontológica (sem uma explicitação teórica) que cada *Dasein* tem de seu próprio ser.

De um modo geral, a primeira seção de *Ser e Tempo*, a analítica existencial preparatória, toma como fio condutor a existência do *Dasein*, considerada o ser deste ente. Tal interpretação ganha consistência, além do que foi exposto, a partir da seguinte tese, repetida diversas vezes ao longo do tratado: a “essência”/ “substância” do homem é a sua existência<sup>6</sup>.

Após a descrição do sentimento de situação fundamental, a angústia, Heidegger irá reivindicar, ainda, um conceito capaz de unificar todos os existenciais do *Dasein* descritos na analítica existencial, já que tais determinações do ser são co-originárias. A palavra utilizada pelo filósofo, que remonta à fábula de Higino, é *cuidado* (*Sorge, cura*), que designa a estrutura unitária e subjacente a todos os modos de ser do *Dasein*. Heidegger irá dizer: uma estrutura “ontológico-apriorística”<sup>7</sup>.

Em um primeiro momento, o que nos interessa aqui, porém, é as conseqüências para o conceito de existência, que, se antes designava o todo do ser do *Dasein*, agora é revelada como um dos elementos ontológicos fundamentais da estrutura do cuidado, ao lado da facticidade e da decaída. No famoso parágrafo da “situação hermenêutica” (§45), Heidegger avalia os resultados de sua análise preparatória e explica a motivação do novo conceito de existência:

O que se conquistou com a análise preparatória do *Dasein* e o que se busca? Foi *encontrado* a constituição fundamental do ente temático, o ser-no-mundo, cujas estruturas essenciais centram-se na abertura. A totalidade deste todo estrutural revelou-se como cuidado. No cuidado, está contido o ser do *Dasein*. A análise deste ser tomou, como fio condutor, o que antecipadamente foi definido como a essência do *Dasein*, a existência. Formalmente, este termo quer dizer o seguinte: enquanto poder-ser que compreende, o *Dasein* é o que, em tal ser, está em jogo como seu próprio ser. [...] A elaboração do fenômeno do cuidado proporcionou uma mirada ao interior da constituição concreta da existência, isto é, a sua co-originária conexão com a facticidade e a decaída do *Dasein*<sup>8</sup>.

Para entendermos corretamente esta passagem, é imprescindível expormos o que significa a estrutura do cuidado. Em seu conceito formal, o cuidado pode ser apresentado pela seguinte “fórmula existencial”: “antecipar-se-a-si-mesmo-já-em(-um-mundo)-em-meio-de(os entes que comparecem dentro do mundo)”<sup>9</sup>. Desmembrando-a através dos existenciais descritos na analítica existencial, temos que: compreendendo seu próprio ser, o *Dasein*

<sup>6</sup> HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. pp. 35, 67, 142, 157, 233.

<sup>7</sup> HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 220-1.

<sup>8</sup> HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 251.

<sup>9</sup> HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 214.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 61-67
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-----------

projeta-se em possibilidades próprias ou impróprias, ou seja, confronta-se com a possibilidade de ser seu poder-ser mais próprio. Portanto, o *Dasein* antecipa-se a si mesmo. Contudo, tais projetos são sempre já lançados (*geworfen*), pois, através do sentimento de situação, manifesta-se o já sempre estar em um mundo. Com isso, por fim, ao ocultar o sentimento de angústia, compreendendo seu poder-ser próprio como indiferente a si mesmo, o *Dasein* absorve-se junto aos entes que estão a sua disposição no mundo. Entendido desse modo, a fórmula concreta do cuidado compreende, respectivamente, existência, facticidade e decaída.

Como Heidegger estabelece, em seu paradigma filosófico, uma identidade entre método (fenomenologia hermenêutica) e objeto (o *Dasein*), podemos interpretar daí que o segundo tem o mesmo modo de ser do primeiro. De um modo bastante simplório, diríamos que Heidegger também “considera-se” um *Dasein*. Por isso, devido ao caráter antecipativo da compreensão, a analítica existencial, que é um modo possível de interpretação (*Auslegung*), requer, em determinadas etapas, uma “revisão” dos pressupostos de sua interpretação teórica (*Interpretationen*), a fim de garantir uma unidade originária do ser do ente tematizado.

Tendo isto presente, podemos entender melhor a modificação do conceito de existência. A princípio, a existência é compreendida como um conceito formal, cuja função é guiar a interpretação do ser do *Dasein*. Após as etapas da analítica existencial, contudo, com a conseqüente explicitação da estrutura do *Dasein* como ser-no-mundo, o cuidado é designado o ser deste ente, uma vez que se compreendeu que o *Dasein* não apenas se relaciona consigo mesmo a partir da compreensão, mas, também, em uma co-originária conexão com o sentimento de situação (facticidade) e o discurso (decaída). A confirmação desta nossa interpretação é adquirida pela anotação do próprio Heidegger, em seu *Hüttenexemplar*, no início do §64: “existência significa: 1. Todo o ser do *Dasein*; 2. Somente o ‘compreender’”<sup>10</sup>.

Por fim, vamos ao terceiro e último conceito de existência!

No §65, Heidegger anuncia a investigação da temporalidade (*Zeitlichkeit*) como o sentido do ser do *Dasein*, proposta esta já realizada no §5. O filósofo dirá que, se o cuidado é o projeto que guiou a analítica existencial até agora, há, ainda, um horizonte de projeção desta (e de toda) compreensão de ser que não é explicitado. A temporalidade, desse modo, designa esta unidade originária e horizontal do cuidado, aquilo que possibilita os modos de ser do *Dasein*. Sendo originária, Heidegger exigirá uma repetição da analítica existencial, baseada

<sup>10</sup> HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 335.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 61-67
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-----------

em uma “interpretação temporal” (*zeitliche Interpretation*), a fim de desvelar o modo de *temporalização* (*zeitigt*) de cada momento estrutural do cuidado<sup>11</sup>.

Se entendermos “existência” englobando os existenciais relativos à compreensão, como o segundo conceito exposto, veremos que sua temporalização realiza-se primariamente no futuro, pois “existir” significa o autocompreender-se projetante na qual sou cada vez como posso ser<sup>12</sup>.

Contudo, ao lermos o §69c, encontramos um modo diferente de expressar a palavra existência, através de sua hifenização: *ex-sistência*. Esta inovação, acreditamos, não deve ser interpretada como mero recurso estilístico da parte de Heidegger, pois, como veremos, pretende explorar outro problema em *Ser e Tempo*, qual seja, o da transcendência de mundo.

No final do parágrafo acima citado, Heidegger pergunta-se: “O que faz ontologicamente possível que o ente possa comparecer dentro do mundo e que, assim, possa ser objetivado?”<sup>13</sup>. Como Heidegger entende que há uma co-originariedade entre *Dasein* e mundo e, ainda, que a possibilidade do primeiro é o sentido de seu ser, então, só “há” mundo, devido à temporalização da temporalidade. Ou seja, o mundo é o horizonte extático-temporal, que, aberto desde sempre, possibilita a compreensão do ente intramundo<sup>14</sup>. A partir da estrutura tríplice da temporalidade, Heidegger dirá que: somente porque o *Dasein* projeta, no horizonte do futuro, um poder-ser, já sempre aberto no horizonte do ter-sido, pode ele descobrir os objetos de ocupação no horizonte do presente<sup>15</sup>.

Assim, ao apontar o caráter transcendente do mundo, Heidegger aproveita-se da nuance do prefixo *ex-* para conferir à palavra existência um novo significado: o mundo “*ex*”-*siste*, quer dizer, ele é “aquilo dentro do qual” o *Dasein* compreende-se. “*Ex-sistência*”, portanto, pretende designar a relação que o *Dasein* tem com seu mundo. Mas, como a compreensão da existência é compreensão de mundo (e vice-versa), como Heidegger afirma no §32, a relação com o mundo, em último caso, também é uma relação consigo mesmo.

Feito este percurso ao longo de *Ser e Tempo*, é possível – perguntamos – utilizar o conceito de existência de modo inequívoco? Que esta palavra contenha diferentes conceitos, isto é, diferentes significados, ficou evidente com a exploração que realizamos ao longo desta apresentação. No entanto, podemos admitir que a modificação conceitual realizada por

<sup>11</sup> HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 348.

<sup>12</sup> HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 353.

<sup>13</sup> HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 381.

<sup>14</sup> *Ibidem*.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 61-67
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-----------

Heidegger não chega a se caracterizar como uma ambiguidade genuína, quer dizer, o conceito de existência não chega a ter significados e usos semânticos diferentes. Pelo contrário, todos eles estão sistematicamente conectados uns aos outros ao se referirem ao conceito de *Dasein*<sup>16</sup>.

Esta conclusão final mostra-nos, enfim, a possibilidade de estabelecermos critérios semânticos para determinados conceitos heideggerianos e termos, nesse sentido, uma comunicação intersubjetivamente comprovável.

### Referências

- HEIDEGGER, Martin. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitária, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*: parte II. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 13ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- TUGENDHAT, E. *Autoconciencia y autodeterminación*: una interpretación lingüístico-analítica. Trad: Rosa Helena Santos-Ihlau. México: FCE, 1993.
- WEIDEMANN, Hermann. “The logic of being in Thomas Aquinas”. In: KNUUTTILA, S.; HINTIKKA, J. *The logic of being: historical studies*. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo: D. Reidel, 1986. pp. 181-200.

<sup>15</sup> HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p.380.

<sup>16</sup> Sobre o conceito de “ambiguidade genuína”, ver WEIDEMANN, Hermann. “The logic of being in Thomas Aquinas”. In: KNUUTTILA, S.; HINTIKKA, J. *The logic of being: historical studies*. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo: D. Reidel, 1986. p. 195, nota 1.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 61-67
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-----------